

Rangel:

O que propões é simplesmente fazer a dois o que ha muito fazes sozinho; mas em má porta bates, amigo, porque o Lobato já desistiu de imortalizar o Helio Bruma, já desertou a falange beletrista_ morreu antes de ter nascido. Isso não quer dizer que não aceite a proposta, mas o faz a frio, sem “sentir crepitar na alma o precioso fogo dos grandes entusiasmos e das grandes fés”. Você, sim, não tem o direito de arrefecer, já que sente o fogo nas tripas e em grau criador. O volume de contos o prova. Ha-os lá admiráveis, maupassanescos_ embora a forma de todos, sem exceção, seja réles. E porisso mesmo mais os admiro, porque estão nus do encanto da forma bem trabalhada e perfeita. Borrões, vê-se_ mas deles vou assinalar o que me parece defeito de observação e forma.

A historia do cachorrinho sugere-me coisa semelhante de Maeterlinck. O final de *Ultimas Disposições* está otimo; o “Eram as más companhias”, da historia da velha e do menino (final), provocou-me grandes invejas; o *Destacamento*, o *Corvo Manso*, todos onde a vida está berrando em letra de forma, otimos! Quanto ás paginas fotograficas, por que perder tempo com isso? Ha-as nos Goncourts inumeras, que o leitor pula, e faz muito bem, porque cenario com pretensão a *premier rôle* não é bem arte. E duvidando do meu senso critico passei os teus contos ao Julio (o meu Eugenio daqui), o qual gostou tanto que, havendo lido os marcados com cruz e entregue o caderno, voltou hoje para busca-lo “afim de ler o resto”_ com saudades já do *modus faciendi* rangelesco.

No teu caso eu me dedicaria exclusivamente ao conto e me ia aperfeiçoando sempre; e muito naturalmente viria mais tarde o romance, sem forçar o temperamento_ como veio ao Maupassant e ao Eça. O romance é conto de 300 paginas e mais engalhado_ e só ergue 100 quilos de peso quem durante anos se treinou em suspender halteres de 10. Que pressa a tua em saltar para o romance? Dizes que desanimaste no n° 4. Põe-no de parte, homem, e apegate aos 10 quilos. E lança ao publico um livro de contos o ano que vem. O maior estimulo para fazer um segundo filho é já ter bem lepidado o primogenito.

Li esta semana o primeiro romance do Malheiro Dias, *A Mulata*, um livro horrivel, pesadello enojante. Não ha claros ali, tudo escuro_ e toda arte é um claro-escuro. Nem um só personagem bom, decente, que escove os dentes_ só crapulas. Não ha cantinho de luz. Dá a sensação de bordel de janelas pregadas, onde tudo são mofo e fedores suspeitos. Ao terminar a leitura, o leitor corre á janela para ver se ainda ha céu no mundo, e ar_ morto de saudades desses dois preciosos elementos que o autor esqueceu de botar no livro. E veja os seus ultimos romances, que diferença!

Outro que me anda enchendo as medidas é a Julia Lopes_ uma extraordinaria mulher. Contos maravilhosos, unicos em nossa literatura. Conhece-os?

O meu conto gorou_ não tenho animo de tenta-lo: a desordem nos *ménages* á passagem, num lugarejo como este aqui ou esse aí, duma estrela de “escavalinhos”_ mulher cujas pernas dentro do *maillot* se preluzem admiraveis e que “ama” bem. Está no casulo. Eu sou uma arvore cheia de casulos pendurados, uns secos, outros em desenvolvimento, outros gorados, outros abertos e já vasia da borboleta. Mas quasi sempre dos mais belos casulos saem as mais feias borboletas. Dum casulo verde, todo estriado de ouro, belissimo, saiu uma negra mariposa, lerda, mole, incapaz de vôo. De maneira que me falta a coragem para provocar a eclosão dos demais casulos. Medo de mais mariposas pretas. Contento-me com as crisalidas e dou asas á imaginação para que ela idealize o maravilhoso irisado das asas que *podem* estar lá dentro.

Estranhei o teu programa. Pois não é o que ha anos, com breves interrupções, andamos nós dois fazendo? Anota-o para mais tarde. Os botanicos agem com um sistema otimo para os romancistas. Herborizam e classificam_ isso antes, *preliminarmente*. Ponha o Fernandes no teu herbario; depois decalque-o.

Reli as minahs cartas que mandaste. Que desordem, que incoerencias, que instabilidade_ no papel, na tinta, na letra, nas ideias... Isto me desanima. Quando me virá a criatalização definitiva? Tra-la-á o casamento, com a ordem e o metodo de Purezinha? Talvez, talvez. Tive, Rangel, com a leitura de tais cartas, a sensação de que somos como uma roseira_ que, sempre a mesma do nascedouro á morte, varia sempre, varia incessantemente, e nunca dá duas rosas iguais. Embora identicas na essencia, as ideias que temos hoje não se mostram amanhã taisquaisinhas na forma. Falas em teu horror ao passado, mas que é o passado senão *toda a nossa vida*? Tens 25 anos; isso quer dizer que *és* 25 anos passado, um decimo milésimo de segundo de presente e um negror de futuro adiante. E não amas ao passado?

Vou logo a S. Paulo e lá poderei comprar os livros que queres. As tuas observações sobre a reforma ortografica são simplesmente ineptas. Onde descobriste eliminação do “p”, “t”, nos grupos “pt” “tn”? O que houve foi coisa diversa, foi a simples supressão dessas letras quando mudas, isto é, quando inuteis, como em “escripta”, “Ignacio”. “Inepto” sempre conservará o “p” porque o “p” sôa (sem trocadilho). Lê no *Minarete* um artigo de Helio sobre o assunto_ a coisa unica sensata até agora publicada.

Adeus. Parabens a D. Barbara pelo bom comportamento do figado. Lá diz o ditado que o “bom figado á casa paterna torna”. Escreve-me. Recebo tuas cartas cheio de alegria.

HELIO